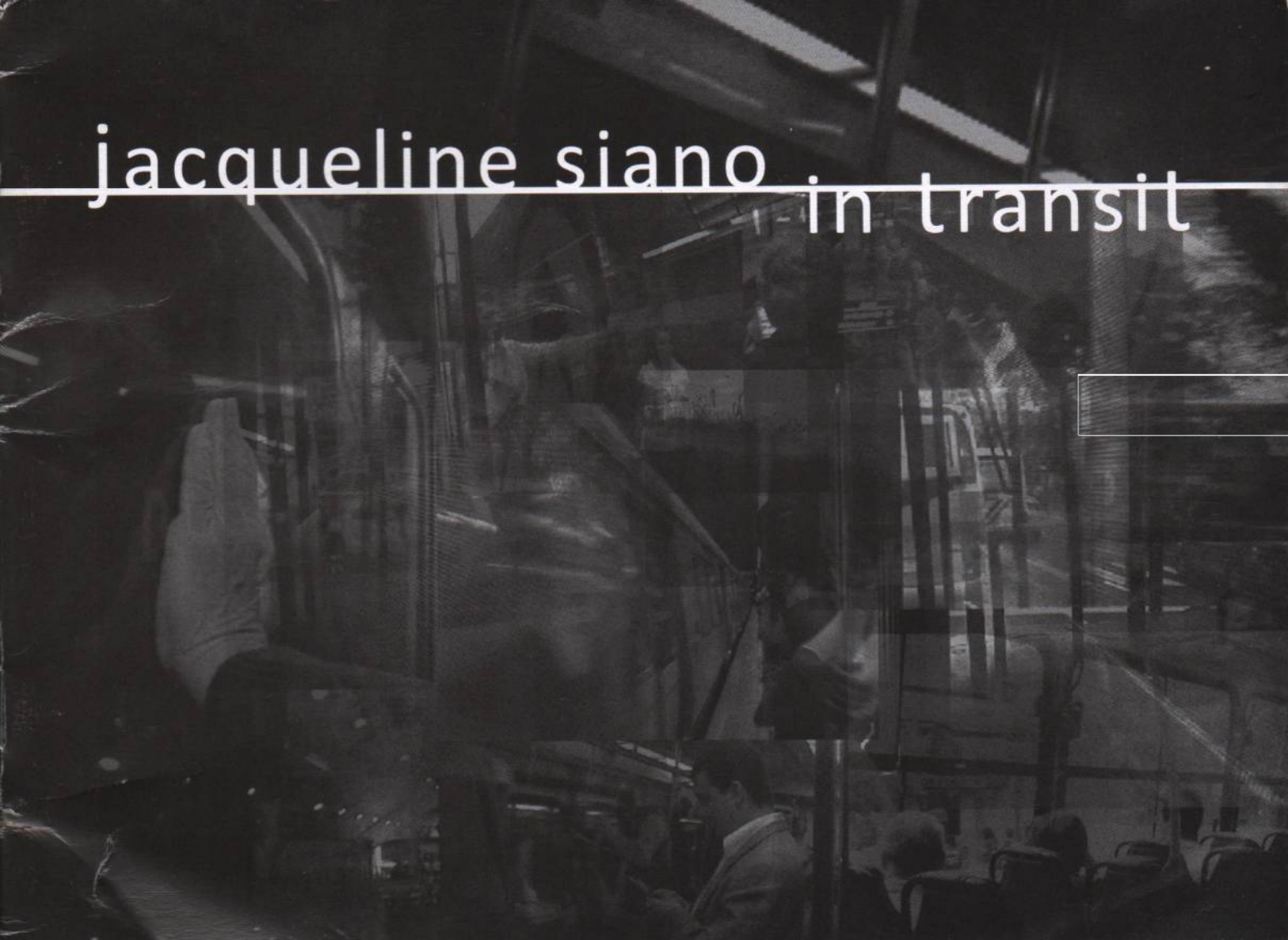


jacqueline siano in transit



*Ultrapassar a ruptura que as pessoas não parecem observar
embora sabe-se lá o que pensam essas pessoas agoniadas que
sobem e descem dos vagões do metrô, o que procura além do
transporte essa gente que sobe antes ou desce depois para
descer depois ou antes...*

Julio Cortázar

jacqueline siano in transit

Abertura da exposição

24 de junho de 2010 às 20h

Visitação

25 de junho a 1º de agosto de 2010
De quarta a domingo, das 11h às 17h

Centro Cultural Fazenda da Posse

Rua Dário Aragão 02, Centro - Barra Mansa/ RJ





Apresentação

Vera Beatriz Siqueira

Desde 2002 desenvolvo o projeto de pesquisa “Estilo e instituição: arte e cultura contemporânea brasileira”.¹ O objetivo central dessa investigação é analisar, através do estudo de artistas e fatos culturais, as relações entre produção artística, crítica, recepção estética e sistema de arte, pensando os nexos concretos que se estabelecem entre suas poéticas individuais e a institucionalização da arte no Brasil. Nesse sentido, e tendo por horizonte a certeza de que a atividade crítica e historiográfica não se separa de sua face pública, institucional, o projeto investigativo se desdobra agora na realização do catálogo desta mostra muito especial.

De um lado, a artista Jacqueline Siano que, após a recente conclusão de seu mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes na UERJ, vivencia o embate com as estratégias de culturalização de sua obra. De outro, a curadora Carla Hermann, cujas pesquisas no campo da crítica e da história da arte sempre conviveram com a atuação direta no campo cultural. A mediar as duas, o Centro de Cultura Fazenda da Posse, uma instituição fora do circuito mais tradicional, mas que vem paulatinamente configurando um pólo de arte contemporânea na região marcada pelas tradições culturais das fazendas do Vale do Paraíba.

Será, portanto, um desafio duplo. Para a artista e a curadora, que deverão enfrentar o peso arquitetônico e cultural do espaço expositivo; para a instituição que precisará lidar com aspectos desafiadores do trabalho artístico, aderindo à sua dimensão transitiva e à sua urbanidade contemporânea, tão distintas dos contornos físicos, históricos e simbólicos da antiga casa sede de um engenho de cana. A mostra traz para o diálogo de Jacqueline Siano com



o espaço, o problema que a artista já enfrentava no interior de seu trabalho *in transit*: agenciar deslocamento urbano e movimento de nuvens; o corpo em repouso dentro dos coletivos e aquele que circula pela sala da exposição; imagens do interior de plataformas, ônibus ou construções com a sua exterioridade; fragmentos de paisagens entrevistos pelas janelas dos ônibus e a imensidão do mar. Enfim, a mostra ecoa o desafio que a própria artista havia se colocado: reunir cotidiano e absoluto.

Nota

1 Projeto apoiado pela FAPERJ (Bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado), pelo CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa) e pela UERJ (Bolsa Pró-Ciência), realizado no âmbito do Grupo de Pesquisa NUCLEAR (Núcleo de Livres Estudos de Arte e Cultura Contemporânea).

Série in transit, 2009/2010, Frames de vídeo



Eu sou o passageiro

Carla Hermann



I am the passenger and I ride and I ride
I ride through the city's backsides
[...]

I stay under glass
I look through my window so bright
I see the stars come out tonight

(Iggy Pop, Rick Gardiner, 1977)

Os habitantes de uma grande cidade como o Rio de Janeiro são, em boa parte dos seus dias, tomados pelo deslocamento de suas casas ao trabalho, pelas idas às compras e mesmo nos momentos de lazer. São passageiros nestes trajetos, e sobre isto o trecho da canção pop punk acima pode nos falar um pouco. O passageiro recebe as informações que passam por ele, coloca-se quase inerte em relação às informações que cruzam seu trajeto, numa passividade que o permite não apenas contemplar o mundo exterior passante, mas também perceber a poética dos céu noturno citadino, geralmente esquecido no dia a dia do mundo urbano e industrial. Tal como o passageiro da canção, Jacqueline Siano vê as estrelas passarem pela janela. E assim como o passageiro, ela é capaz de ver os *city backside's*, os outros lados da cidade, vislumbres daquilo que poderia passar despercebido ao longo do caminho. A diferença é que a artista aqui é uma passageira ativa. Ela não se limita a sentar no banco do carona e receber as informações que o entorno fornece. Ela captura, elege, elabora, edita e nos apresenta a sua visão. Visão esta que, apesar de particular é geral para todos, pois nos recoloca a possibilidade de sermos, todos, passageiros diários.

Na metrópole onde o espaço se configura para facilitar a circulação de mercadorias e permitir o fluxo de informações, somos bombardeados com uma enorme gama de dados, cores e datas a serviço do marketing e da propaganda. A visualidade profusa dos anúncios das calçadas e *outdoors* é capaz de preencher o espaço a nossa volta sem, na maioria das vezes, nos dizer muito. Jacqueline nos mostra que muitas vezes estamos sozinhos em meio à multidão ao trabalhar nos momentos solitários dos deslocamentos em transportes coletivos, aqueles em que nos encontramos separados da cidade por um vidro. Imersos em pensamentos próprios e completamente alheios ao exterior e àqueles que compartilham conosco o espaço comum dos ônibus, trens e metrô, nos colocamos em posição de isolamento. As fotografias-capturas da artista certamente nos colocam em consciência desta posição de auto-separação que colocamos diariamente para o mundo. Percebemos como nos portamos sem perceber nestas travessias. O vidro do automóvel ou do vagão funciona como uma barreira que permite a segregação que achamos precisar e que nos faz sentir propriamente indivíduos na multidão.

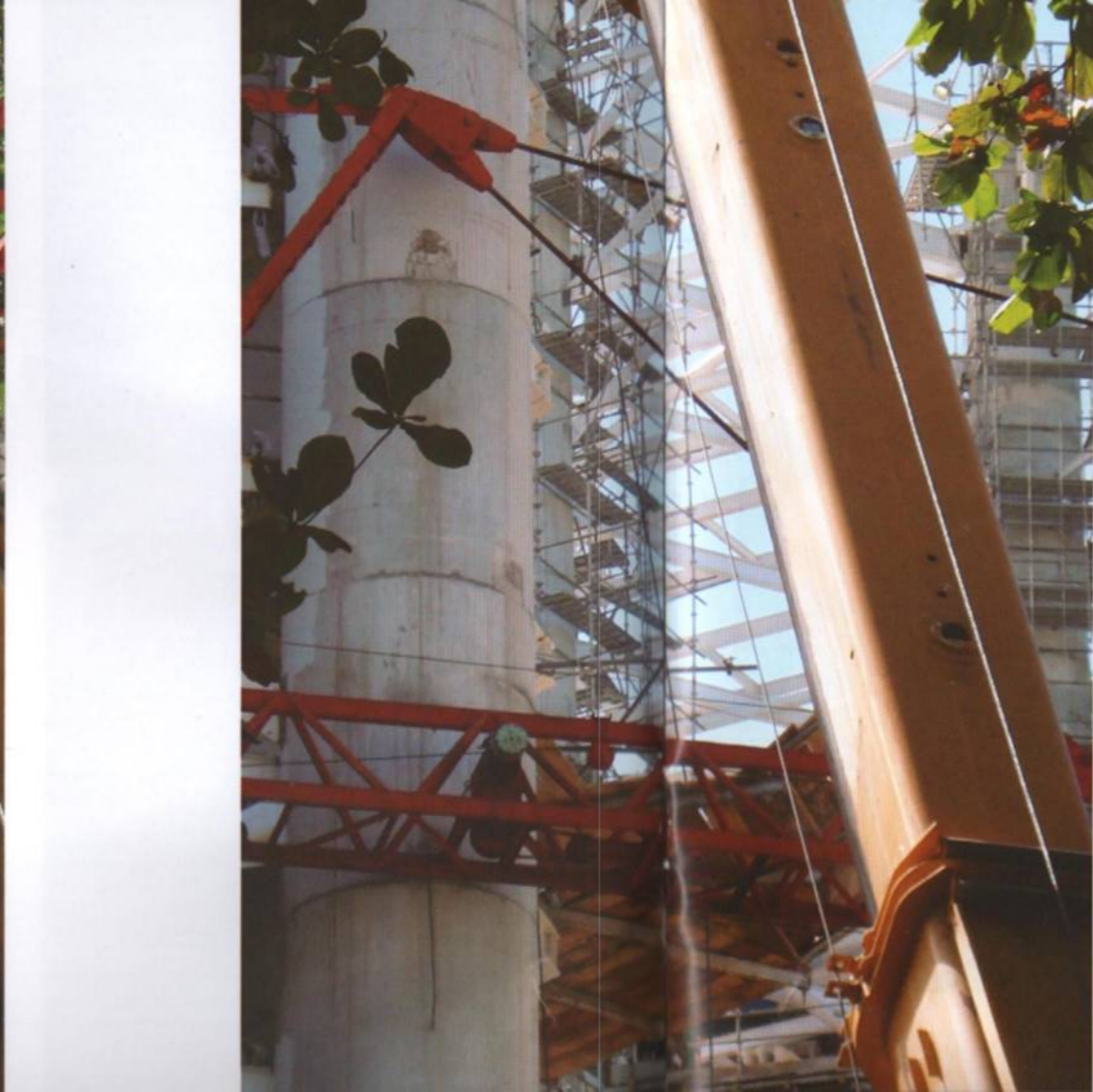
É certo que a presença da artista perturba quem está dentro de um transporte coletivo. Percebemos que os corpos fotografados se desviam da câmera de Jacqueline. Desviam não só os olhares. Há toda uma linguagem corporal trabalhada no dia a dia, pronta para se esquivar da observação, do olhar do outro. Na luta pela individualidade em meio à massa de corpos humanos reunidas ao acaso no espaço retangular do ônibus, os fotografados também optam pelo isolamento – ou ao menos, tentam isolar-se, fugindo da câmera. Com peculiar sutileza, Jacqueline Siano apreende esse querer estar fugidio dos passageiros, que não se mostram confortáveis com a captura, mas que se deixam fotografar pela contingência espacial (não há muito para onde escapar) e pela pressa de chegar ao lugar de destino.





Nos espaços de insterstício da circulação Jacqueline capta momentos de beleza espontânea. Procura na melancolia das travessias o singular. E encontra, na repetição do que já é repetido – pois cotidiano – pequenos “desvios” que não obedecem a ordem do cíclico. A edição das imagens e a colagem de trajetórias anônimas com trechos de filmes nos colocam em outro quando, mostrando que é possível outra temporalidade além da estabelecida. São pegadas no espaço, trilhas nas ruas, rumos pelos trilhos do metrô, que marcam o tempo circular da jornada diária e que norteiam sua obra, ao mesmo tempo em que fazem contraponto com momentos idílicos cinematográficos. Podemos radicalizar e entender que a apreensão do sublime pelo viés do ordinário aqui seria uma releitura do ato de flunar, do exercício de fruir a cidade com outros olhos. Afinal, o espaço para a fruição só pode existir dentro dos próprios fluxos circulatórios atuais e que já nos são colocados. Em tempos de fragmentação temporal e vigilância constante não poderia o artista que capta a poética da repetição cidadina cotidiana ser o flaneur do século 21? O flaneur contemporâneo que exerce um olhar quase intimador com a câmera em punho e que compreende e assume para si um papel de registro poético e ao mesmo tempo, panóptico.

Ao contrário dos passageiros que somos diariamente, a artista *opta* por se colocar em trânsito. A opção pelo nome da série de fotografias e vídeos *in transit* em latim e em letra minúscula marca um posicionamento de Jacqueline diante da idéia de processo e continuidade do seu próprio trabalho, um apreensão e consonância com a realidade sob a qual se debruça. Processo como a cidade, viva e em constantes mutação, onde as construções vão se sobrepondo no tempo. E com estas escolhas, nos presenteia com uma noção de continuidade afirmada na captura de flashes estéticos, apreensões independentes de um fluxo sempre contínuo e ininterrupto, da certeza de que o espaço urbano e a própria vida não param jamais.

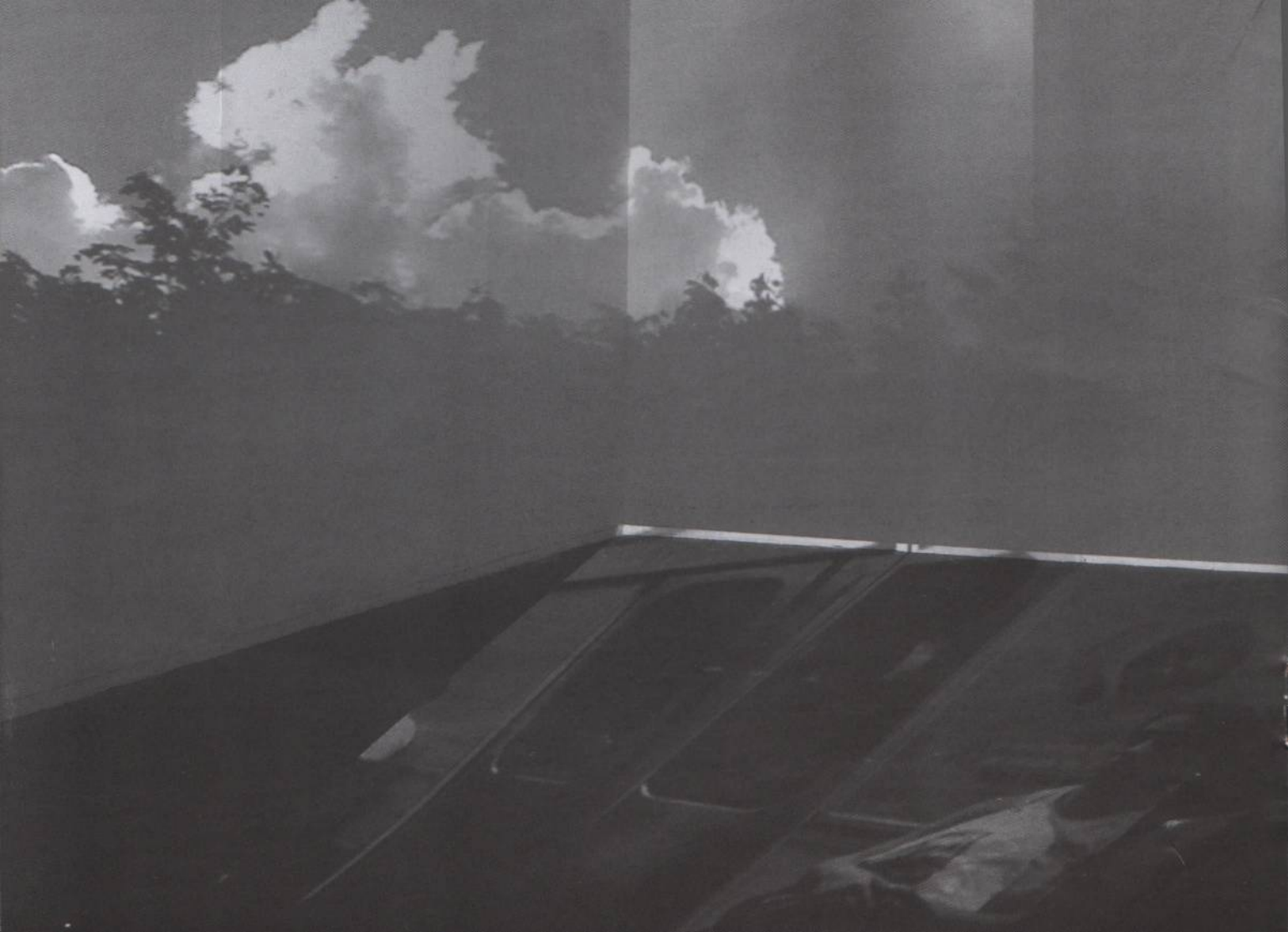


Série monumentos
em trânsito, diptico,
2009, Fotografia
digital

Série monumentos
em trânsito, 2009,
Fotografia digital









Vista da vídeo instalação in transit_1_001, 2009, Fotografia digital





Vista da vídeo instalação in transit_1_001_bis,
2010, Fotografia digital

in transit

Jacqueline Siano

Por um lado, a rotina dos deslocamentos que ocorrem no dia-a-dia de uma cidade. Os espaços envolvidos nos processos de circulação que se repetem do mesmo modo durante anos a fio em cada sistema de transporte e nos sistemas maiores que surgem de seu entrelaçamento. Os mesmos lugares; os mesmos ritmos. Por outro lado o movimento repetitivo das imagens em vídeo. Os procedimentos padronizados de captura e as técnicas estabelecidas e consagradas para montagens. Em meio a isso as vidas que seguem ritmos repetitivos na escala diária, na escala sazonal, na escala anual, na escala das faixas etárias e na escala que iguala uma vida à que lhe sucedeu.

Poderia havê-los escolhido antecipadamente, conscientemente e deliberadamente para minhas intervenções, registros e exibições. Poderia haver planejado precisamente cada movimento a ser realizado, antecipando o efeito desejado sobre as mentes de cada passageiro capturado nesse vórtice entre observado e observador, entre ator e espectador, entre fator e resultado, entre paciente e agente. Poderia haver predeterminado de modo exaustivo todas as possibilidades dos modos de cada tomada e dos esquemas de cada montagem e já ter como seguro que isso é suficiente. Mas não é apenas assim.

O que hoje posso dizer é que, de modo incomum, a rotina me atraiu. O cotidiano tornou-se objeto de meu desejo. A compulsão me levou às plataformas, aos vagões, aos coletivos, como levaria o animal que caça por ter fome, e tem fome por trazer esse apelo gravado em si ainda que de forma, para ele, inexplicável.

É sob o impulso de uma esperança mutante que me abro a trocas mais intensas com o cotidiano sem querer negá-lo, mas também sem ceder

às imposições que conduziriam à apatia e à aceitação do que o dia-a-dia opressivamente impõe.

O que se quer não é mais um alívio que alguma arte poderia prover em relação a um espaço urbano preconceituado como opressivo entediante e homogeneizante. O que se quer não é mais a evasão que provavelmente alguma arte poderia oferecer à rotina urbana. O que se almeja, sem se poder dizer ainda que imagem assumirá, é aumentar a capacidade de cada um para questionar quais novas passagens poderão ser artisticamente acionadas, provocando mudanças de hábitos, mudanças de ritmos, mudanças de espaçamento, mudanças de tempo, mudanças de potenciais, enfim, mudanças de modos de vida.





às imposições que conduziriam à apatia e à aceitação do que o dia-a-dia opressoramente impõe.

O que se quer não é mais um alívio que alguma arte poderia prover em relação a um espaço urbano preconceituado como opressivo entediante e homogeneizante. O que se quer não é mais a evasão que provavelmente alguma arte poderia oferecer à rotina urbana. O que se almeja, sem se poder dizer ainda que imagem assumirá, é aumentar a capacidade de cada um para questionar quais novas passagens poderão ser artisticamente acionadas, provocando mudanças de hábitos, mudanças de ritmos, mudanças de espaçamento, mudanças de tempo, mudanças de potenciais, enfim, mudanças de modos de vida.







Sem-título, 2009, Fotografia de celular



Micropolíticas em trânsito

Leila Danziger

Em *Manuscrito achado num bolso*, Julio Cortázar descreve um complexo jogo que se desenvolve no metrô de Paris. Tudo tem início quando o olhar do narrador, refletido no vidro da janela, encontra o olhar de uma mulher, também refletido no vidro da janela. “Se seu reflexo na janela cruzava o olhar com meu reflexo na janela, se meu sorriso no reflexo da janela perturbava ou agradava ou rejeitava o reflexo da mulher na janela” (...) “então começava o combate no poço, as aranhas no estômago, a espera com seu pêndulo de estação em estação”¹. As regras estabelecidas pelo personagem assinalam o desejo de diferenciar um percurso que assimila as variações apenas para transformá-las mais fortemente em um tecido homogêneo e indiferenciado. Ao embarcar no metrô, o personagem espreita o momento de estranheza que o conduziria “ao encontro de uma felicidade”, que se realiza como promessa de uma plenitude apenas entrevista e sempre adiada.

Os vídeos e fotografias de Jacqueline Siano surgem também de um elaborado sistema de encontros, associações e reflexos, em que uma subjetividade complexa opera no espaço da cidade, da arte e da cultura. A artista trabalha a partir daquilo que é o cerne da vida das cidades – o deslocamento, o fluxo, o trânsito. Ao contrário do personagem de Cortázar, contudo, Jacqueline não visa um encontro decisivo e redentor, apenas desvios sutis – embora potentes – no continuum informe em que transitamos, e faz da sutileza, da multiplicidade e do transitório a matéria mesma de sua poética. Munida de um singelo dispositivo de captura de imagens (quase imperceptível e integrado ao próprio corpo), a artista percorre espaços de trânsito e passagem – espaços anônimos, sem marcos históricos, sem memória – e busca





Sem-título, 2009, Fotografia de celular



Micropolíticas em trânsito

Leila Danziger

Em *Manuscrito achado num bolso*, Julio Cortázar descreve um complexo jogo que se desenvolve no metrô de Paris. Tudo tem início quando o olhar do narrador, refletido no vidro da janela, encontra o olhar de uma mulher, também refletido no vidro da janela. “Se seu reflexo na janela cruzava o olhar com meu reflexo na janela, se meu sorriso no reflexo da janela perturbava ou agradava ou rejeitava o reflexo da mulher na janela” (...) “então começava o combate no poço, as aranhas no estômago, a espera com seu pêndulo de estação em estação”¹. As regras estabelecidas pelo personagem assinalam o desejo de diferenciar um percurso que assimila as variações apenas para transformá-las mais fortemente em um tecido homogêneo e indiferenciado. Ao embarcar no metrô, o personagem espreeita o momento de estranheza que o conduziria “ao encontro de uma felicidade”, que se realiza como promessa de uma plenitude apenas entrevista e sempre adiada.

Os vídeos e fotografias de Jacqueline Siano surgem também de um elaborado sistema de encontros, associações e reflexos, em que uma subjetividade complexa opera no espaço da cidade, da arte e da cultura. A artista trabalha a partir daquilo que é o cerne da vida das cidades – o deslocamento, o fluxo, o trânsito. Ao contrário do personagem de Cortázar, contudo, Jacqueline não visa um encontro decisivo e redentor, apenas desvios sutis – embora potentes – no continuum informe em que transitamos, e faz da sutileza, da multiplicidade e do transitório a matéria mesma de sua poética. Munida de um singelo dispositivo de captura de imagens (quase imperceptível e integrado ao próprio corpo), a artista percorre espaços de trânsito e passagem – espaços anônimos, sem marcos históricos, sem memória – e busca



flagrar pequenos desvios, ao mesmo tempo que os produz com sua presença sutil. Ao “apontar sua câmera”, como costuma dizer, para o espaço da cidade em suas trocas cotidianas, a artista parece revelar a todos o curioso regime de vigilância contínua em que vivemos.

As ações de Jacqueline Siano têm como ponto de partida seus percursos cotidianos nos transportes públicos em sua própria cidade – o Rio de Janeiro. Suas imagens, no entanto, não demonstram familiaridade com o entorno, tampouco uma estranheza desestruturante, como desejavam os surrealistas em suas derivas. A artista vê a cidade sem a expectativa de acontecimentos extraordinários, pois seu desafio é justamente a construção de delicadas narrativas a partir da superfície homogênea da matéria espessa de indiferença que nos envolve e à qual costumamos responder com indiferença redobrada. Reagimos com irritação contida ao ambulante que entra no ônibus e nos oferece seus produtos, pois ele altera o necessário estado de entorpecimento em que seguimos. Também no metrô, baixamos o olhar, cautelosos, a cada vez que algo ousa perturbar o automatismo dos gestos que regulam nossas ações naquele espaço de convívio forçado. A tática de convivência é certa invisibilidade; o importante é não sermos notados. Nestes espaços, não há mais o aparecimento de uma figura que se delinea sobre um fundo, mas apenas uma situação espacial em que tudo e todos se configuram em “fundo no fundo”, como afirmou Anthony Vidler, ao descrever o pós-urbanismo. Jacqueline Siano enfrenta justamente o desafio de conferir sentido a essa experiência. Não há passividade ou resignação em suas ações, movidas pelo princípio de uma esperança ativa e vigorosa, desenvolvida no contato com a leitura de Ernst Bloch. Importa ressaltar que Vidler não vê o fim do urbanismo moderno como algo necessariamente negativo, pois observa que “face às rigorosas exclusões operadas pelo urbanismo no que ele tem de



Caminho_1a, 2010, Fotografia de celular

Caminho_1b, 2010, Fotografia de celular



mais idealista (...) um mundo pós-urbanista talvez ofereça maior inclusividade, quando menos grande esperança, (...) pois pode resguardar muito daquilo que, durante muito tempo, foi indesejável para o urbanismo: indesejável pelo gênero, raça ou classe¹².

É esse horizonte de ações micropolíticas que norteia a poética de Jacqueline e preside suas associações entre os registros visuais e sonoros realizados nos transportes públicos e outras imagens e trânsitos: a plenitude das nuvens em seus deslocamentos imperceptíveis, o fluxo das águas e das chuvas, as vitrines de um museu de história natural, e, também, cenas apropriadas de filmes diversos que constituem nosso imaginário. A artista nos oferece densas camadas de imagens, em que problematiza dentro e fora, público e privado, natureza e cultura. Seu desejo de vida, cidade e exterioridade retornam, contudo, ao espaço privilegiado da galeria, oferecendo-nos uma experiência intensa, corporal e reflexiva com seus ensaios de imagens, que não buscam compensar ou pacificar os atritos, nem harmonizar as diferenças. O contato com o trabalho de Jacqueline Siano nos permite colocar os fluxos da cidade em perspectiva e, assim, conferir sentido ao entorpecimento crônico que caracteriza nossa experiência de deslocamentos urbanos incessantes. E nunca é demais lembrar que a possibilidade de construir sentido permanece como a mais preciosa e singular especificidade da experiência artística.

Notas

1 Cortázar, Julio. Manuscrito achado num bolso, in: Octaedro, tradução Glória Rodriguez, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 41.

2 Vidler, Anthony. Pós-urbanismo, Gávea, Revista de História da Arte e Arquitetura, Rio de Janeiro: Departamento de História, Puc-Rio, volume 13, setembro de 1995, p. 455.



À esquerda
in transit_1a, 2008, Fotografia digital colorida

Sem-título, 2008, Fotografia digital colorida

Páginas 23 e 24
Sem-título, 2007, Fotografia digital colorida





37591

B11 - Uca x Leblon

CASQUE
RENUNCIA
22531177

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ricardo Veiralves de Castro
Reitor

Maria Christina Paixão Maioli
Vice-Reitora

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Glauber Almeida de Lemos
Diretor

INSTITUTO DE ARTES

Roberto Conduru
Diretor

Vera Beatriz Siqueira
Vice-diretora

EXPOSIÇÃO IN TRANSIT

Carla Hermann
Curadoria

Carla Giovana Castro Rolim
Produção

Mariana Maia
Programação visual

PREFEITURA DE BARRA MANSA

José Renato Bruno Carvalho
Prefeito do Município de Barra Mansa

Ruth Cristina Coutinho H. de L. Rebello
Vice-Prefeita do Município de Barra Mansa

Luiz Augusto Mury
Superintendente da Fundação de Cultura Esportes e Lazer

SISTEMA FIRJAN - SESI BARRA MANSA

Dr. Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

Dr. José Maria de Oliveira Ramos
Vice-Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

Dr. Augusto Cesar Franco de Alencar
Diretor geral do Sistema Firjan

Dra. Maria Lúcia Telles
Diretora Regional SENAI - Superintendente Sesi

Ana Cristina Monteiro Carvalho
Gerente de Operações Regional

Iran de Oliveira
Gerente Operacional SENAI/SESI Barra Mansa

CENTRO DE CULTURA FAZENDA DA POSSE

Iran de Oliveira
Presidente

Luiz Augusto Mury
Vice-Presidente

Carla Giovana Castro Rolim
Coordenadora

Agradecemos a Vera Beatriz Siqueira pela viabilização deste catálogo e a
Isabel Carneiro pelo apoio e amizade.



Realização



Apoio



Sistema
FIRJAN

